

18 - GERALDO FONTENELLE

CADEIRA Nº 18
PATRONO: MOURA BRASIL

GERALDO FONTENELLE

GERALDO da Silva FONTENELLE, filho de Antônio Mariano Fontenelle e de Graziela P. Silva Fontenelle, nasceu em Campo Maior, no Piauí, no dia 28 de maio de 1934. Filho de pais cearenses, reside em Fortaleza desde 1958. Depois dos estudos primários, fez o curso ginasial no Colégio São Francisco de Sales, de Teresina; os cursos normal e colegial na Escola Normal Colegial São Luís do Curu, e o curso de Pedagogia nas Faculdades Integradas Rui Barbosa, do Rio de Janeiro. Tem dedicado a maior parte de suas atividades ao jornalismo; atualmente é editor do periódico ***Notícias Culturais*** *e Diretor da Rádio Iracema de Fortaleza, bem como articulista do* ***Diário do Nordeste.*** *Já dirigiu várias emissoras, entre elas a Rádio Difusora de Teresina, a Rádio Poti de Natal, a Ceará Rádio Clube, a Rádio Dragão do Mar e a Rádio Assunção. Tem também colaborado em inúmeros periódicos e atuou no* ***Diário*** *de* ***Natal,*** *no* ***Unitário,*** *n'* ***O Nordeste*** *(estes dois em Fortaleza e já extintos) e na* ***Tribuna do Ceará.*** *Isto sem se falar do início de sua carreira jornalística, quando escrevia artigos para a página da União dos Moços Católicos do Jornal* ***O Dominical,*** *de Teresina, na época em que fazia rádio-novelas para a Rádio Difusora, já mencionada. Geraldo Fontenelle é ainda sócio correspondente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da Academia de Estudos e Letras de Sobral. É membro da Academia Cearense de Retórica e integra a mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Obras publicadas:* ***Notas do Caderno de um Repórter*** *(1983),* ***As Estrelas Brilham Também Durante o Dia*** *(1984), ambos de crônicas;* ***O Porto Cinzento*** *(1985), novelas, com segunda edição em 1992;* ***Idéias, Ação e Atualização*** *(1986), de crônicas;* ***Os Castiçais dos Mortos*** *(1988), de contos; e* ***Dr. Antônio Furtado — Breve Roteiro Cultural*** *(1988), ensaio. Escrevendo sobre um de seus livros, afirmou F. S. Nascimento: "Em 1985, sob o título de* ***O Porto***

Cinzento, Geraldo Fontenelle publicava as novelas 'O sepulcro do mar' e 'A manhã não vai chegar', em que, na opinião de José Alcides Pinto, se ressaltavam 'as qualidades de um verdadeiro escritor, tanto pela originalidade de sua escritura, como pela propriedade e adequação da linguagem ficcional, de implicações psicológicas'. Nesses dois textos literários cumpria-se a lição de Paul Ilie, segundo a qual 'a novela só pode versar sobre uma semelhança do mundo real, por deformado que este seja, e como tal deve contar com as proporções da existência'. E Geraldo Fontenelle conseguia, no ato fictivo, atender a esse postulado convertido em lei ou teoria da literatura."

O QUINTO PECADO CAPITAL

Padre Januário era um espírito reto. Não conhecia a soberba, a todos atendia com bonomia. A avareza fora motivo de muitos dos seus sermões. Costumava distribuir com os pobres tudo que recebia. A luxúria nunca lhe passara pela cabeça. Aos domingos, na missa das nove horas, mostrava-se mal humorado ao reclamar contra os vícios e maus costumes do seu povo, mas não ficava irado. Depois, fazia casamentos e batizados com indisfarçável alegria. A inveja era o mais repugnante dos sentimentos. Nascera para o sacerdócio, tanto que vivia em estado de castidade, obediência e pobreza.

Há vinte anos, conduzia o seu rebanho naquele calcanhar-do-judas distante cinqüenta léguas do bispado. Certa vez, num retiro diocesano, ouvira dos lábios do seu pastor que já merecia um titulo de monsenhor. Quem sabe se não seria na próxima viagem de Sua Exa. Revma. a Roma? Mas logo esqueceu o elogio e a promoção. "Não tenho virtudes para isso" — dizia com seus botões. E retornava a sua paróquia, onde os dias eram compridos e a vida marcada pelo velho relógio de mogno que herdara do seu antecessor.

Padre Januário era moreno, mas os olhos de cor verdoenga. O nariz um pouco achatado, os lábios grossos. Talvez por ser muito ventrudo, falava respirando aos haustos e não raro soltando perdigotos. Uma irmã velha era a dona da casa e a única confidente. Estirado no seu catre, após as refeições, padre Januário costumava segredar:

— Joaninha, a mulher desse farmacêutico e a desse coletor não se emendam. Vivem tagarelando à janela. Falam das moças, dizem horrores da esposa do delegado e por fim inventaram que o filho do juiz é marica. Não há confessionário que dê jeito. A única coisa que poderia fazê-las entrar no caminho certo era um cipó de tamarindo. Lapte, lapte, lapte, bem nas bochechas da bunda, até sangrar. Só assim endireitavam.

— Meu irmão, faça a sua parte. O resto Deus toma conta — retrucava a professora de catecismo e segunda pessoa na paróquia.

— Essa gente só entra no reino dos céus a poder de muito

cipó de tamarindo — insistia o bondoso páraco.

O único divertimento do reverendo era quando lhe batiam à porta o juiz e o promotor para dois dedos de prosa. Aí ele se descontraía e conversava à solta.

— Vamos ver como anda o latim dos magistrados. O sr. meritíssimo, preste atenção: *Maria, an tu nes?* Havia aquela pausa. O togado olhava para o teto. Olhava para o promotor. E indagava:

— Isto é latim, padre Janu?

— E do bom, seu doutor - respondia o vigário.

— Bem, eu conheço a Maria Antunes, mas não admito a insinuação...

Padre Januário ria às escancaras.

— *Maria, an tu nes?* Isto quer dizer Maria, por ocaso, fias?

Em seguida, voltava-se para o promotor:

— Se acertar, tem direito a nova barrigada de ata. Daquela vez o sr. só comeu dezenove e eu cheguei a vinte e uma. E, sério, pedia que o promotor traduzisse:

— *Mater tua mala burra est.*

Silêncio na sala. Alguns minutos depois, o promotor falava:

— Minha mae é burra e má?

— Não, doutor — gracejava. Sua mãe é uma santa. Eu apenas disse: tua mãe come maçãs maduras.

E todos caíam na gargalhada. Vinha a primeira rodada de refresco de maracujá com bolinhos.

Cinco minutos depois, uns pastéis quentinhos. Uma salada de frutas. Uma partida de gamão entre os dois magistrados. O relógio batia cinco da tarde. Os visitantes se levantavam para sair, mas padre Januário dizia:

— Isso não. Vão jantar comigo. Galinha à cabidela!

Os dois não resistiam, porque sabiam que, na casa do pároco, a mesa era farta e dona Joaninha a melhor cozinheira do lugar. Depois das ave-marias o jantar começava. O juiz e o promotor palestravam, mas padre Januário, como glutão, devorava a gorda galinha em silêncio. Era como se estivesse fazendo uma prece. Dona Joaninha reforçava os pratos. O juiz arreava logo, arfando. O promotor ia mais longe, mas padre Januário continuava a comer.

Dizem que Satanás quando encontra um espírito voltado para Deus, fica à espreita da menor falha para penetrar. E padre Januário, apesar de ser um justo, tinha o defeito da gula. E por ali o

diabo ia-se fazendo na tentativa de abrir mais caminho. A gula era o pecado do vigário.

Certa feita, jantara um tatu. Sozinho. Ganhara o bicho vivinho. Chamara o sacristão para matá-lo e tratá-lo. Cozinhá-lo era com dona Joaninha. À hora aprazada, sentou-se à mesa para a refeição; Estava com água na boca. O sacristão fez algumas consultas ao bom pároco, mas este lhe respondeu monossilabicamente. Não queria conversa à hora da refeição. Para ele, falar no almoço, no jantar ou na ceia era blasfemar contra Deus que, generosamente, lhe fazia chegar os alimentos.

Após a tatuzada, padre Januário sentou-se na cadeira de balanço, desabotoou a batina encardida, calçou os chinelos, afrouxou o cinturão e caiu na madorna.

Enquanto isso, o velho Serapião do "Brejo" cavalgava o seu alazão puxando pelo cabresto outro animal, com os arreios suficientes, para levar padre Januário ao sítio, onde dona Sinhazinha, aos noventa anos, depois de operada duas vezes na cidade e desenganada pela medicina, agonizava entre imagens de santos, rosários e bentinhos.

Era um pouco mais das sete da noite e chuviscava.

— Padre Janu, por caridade. Minha mãezinha está morrendo e quer se confessar. Ela ainda pode falar alguma coisa. Senão, pelo menos a extrema-unção.

O padre despertou, mas ainda com muita sonolência. Ouviu o sitiante. Olhou para o crucifixo.

Refletiu. Viu o adiantado da hora, o tempo. Levantou-se. A barriga pesava. E sem mais delonga, foi taxativo:

— Caboclo, que pecado tem uma velhinha do sertão? Eu a abençôo mesmo daqui. Não precisa eu ir lá. E diga a dona Sinhazinha que, ao chegar ao céu, peça a Deus pelo padre Januário perdido aqui neste pé-de-serra onde o cão perdeu as botas.

Serapião voltou, conformado. E padre Janu, virando-se para dona Joaninha, quase cochilando outra vez, disse baixinho?

— Vou lá morrer duma congestão...

O OUTONO DE CADA UM

O médico recomendara com insistência ao servidor público Romildo que procurasse sair de casa sempre que possível. Ajudaria o tratamento espairecer um pouco. Reencontraria amigos e conhecidos, conversaria, entretinha-se. Ficar o tempo todo entre quatro paredes não era recomendável. Andar, ver o movimento das ruas, bem que distraía o espírito. Não tivesse medo, viveria muitos anos ainda.

Romildo tomou um táxi e disse o destino: Praça do Ferreira. A caminho, vinha-lhe à mente a verbosidade do doutor, aquilo fazia parte do ramo. Animar o enfermo, levantar o moral. Sabia, entretanto, que o seu coração já não era o mesmo, curvara-se ao tempo e aos dissabores da vida. "Ora - pensava - cinqüenta anos de idade e, mesmo dormindo, o coração trabalhando a oitenta e poucas vezes por minuto, de manhã, de tarde, de noite, de madrugada. Enquanto todos os demais órgãos repousavam o velho coração ficava em vigília. Não era para menos." A manhã estava luminosa e bela.

Na Travessa Pará, mandou parar o táxi. Abriu a carteira de cédulas calmamente e pagou a corrida. Foi saudado por Genildo e convidado para compor a roda de amigos. Aceitou. Os temas variavam muito: queda do cruzeiro, falta de pulso do Presidente da República, juros bancários altíssimos, concordatas, falência, doenças graves, gente no balão de oxigênio... Romildo ficou com o peito oprimido, a respiração cansada, as pernas trêmulas, despediu-se alegando ir fazer um pagamento no banco. "Saio para me alegrar e essa turma só fala em coisas negativas" — disse consigo. "É preciso ter pensamentos positivos" — continuou.

Andou alguns passos. Olhou o cartaz do Cine São Luiz que anunciava um filme americano: "Expedição na África", ilustrado pela foto colorida de homens armados enfrentando tigres e serpentes. Prosseguiu pela rua Major Facundo e deparou-se com Ester, sua primeira namorada. Não se cumprimentaram. Era agora uma cinqüentona gorda e muito envelhecida. Puxava por uma perna e apoiava-se num rapaz magro e alto, talvez genro, talvez filho. Fora sua musa e, mentalmente, recitara um soneto que lhe dedicara... Quisera muito desposá-la, mas o destino traçou outra

trajetória. Ester, acabada e feia.

Romildo prosseguiu sua caminhada matinal. De súbito, o Rogério, um ex-companheiro de boêmia que gostava de cantar boleros. Era sadio e feliz. Entretanto perdera o braço esquerdo numa virada de caminhão. Usava óculos cujas lentes mais pareciam fundo de garrafa. Rogério estava cadavérico e não o reconhecera. Romildo não quis interrompê-lo. Certamente viriam boas recordações da juventude, mas também os males, as seqüelas, a história do acidente.

Alguém bateu no seu ombro. Era o Souza que fora seu vizinho. Teve muita satisfação em revê-lo, valeria demorar-se um pouco. Souza estava nervoso, a esposa tivera um mal súbito e se encontrava no Hospital Batista. Ia para lá. Perguntado sobre as filhas: Marilza, Rosinha, Tércia, o amigo respondeu que residiam com ele, desquitadas, abatidas, infelizes. Romildo desejou muita saúde para dona Conceição, sempre uma esposa muito dedicada e uma criatura muito amavel. "Pobre Souza" - refletiu Romildo.

Na rua Liberato Barroso, viu o Xavier, seu contraparente. Palestraram cinco minutos, quando Romildo soube que dona Inácia, esposa do Xavier, já avó fugira com um caminhoneiro do Paraná. O amigo até se admirou porque Romildo não estava por dentro da história. Com certeza não lhe quiseram dar a má noticia, respeitando-lhe a crise cardíaca que tivera. Xavier se foi, apressado, reclamando o atraso do pagamento da Prefeitura.

Na rua Barão do Rio Branco, Romildo parou. Havia uma aglomeração diante de um televisor. Um locutor, nervoso, descrevia que, no alto da torre daquele Canal, um homem, desenganado da vida e dos seus semelhantes, ameaçava atirar-se lá em baixo. Romildo ficou atônito. "Quanta desgraca no mundo" — imaginou. Caminhou um pouco mais e ouviu o "ohhhhhhhhhhh" assustadíssimo do grupo que via televisão. O pobre-diabo suicidara-se mesmo. Arrebentara-se no chão.

Romildo apertou o passo. Saiu rumo à rua Senador Pompeu. Caminhou pouco. Encontrou-se com Doralice, uma ex-namorada. Como estava horrenda. No entanto, fora a moça mais bonita do Joaquim Távora. Enchia a vista. Doralice o cumprimentou mesmo de longe. Romildo não se conteve."Eu que queria tanto ter me casado com Doralice... está um caquinho de gente" — disse com os seus botões.

Alguém gritou pelo seu nome do outro lado da calçada.

Romildo não reconheceu a princípio. Aproximou-se e viu tratar-se do Régis, um tipo velhaco e ousado. Deram-se as mãos e quando Romildo ia saindo o esperto contou-lhe uma históia que não tinha muita convicção se era verdade ou mentira: estava com uma sobrinha morta e tivera que adiar o enterro à falta de dinheiro para pagar as taxas de manutenção atrasadas do Parque da Paz. Régis ainda tomou-lhe cinqüenta cruzados.

Na rua Senador Pompeu, abraçou-se com um velho amigo: o médico Rangel, um clínico geral de mão cheia, infelizmente atingido por uma trombose. Ficara com um lado afetado pela doença. Andava com dificuldade apoiado numa bengala. Deram dois dedos de prosa e se despediram. "Barra pesada" — pensou Romildo.

Ao retornar à Praça do Ferreira, presenciou um atropelamento na esquina da rua Guilherme Rocha. Um fusca em alta velocidade atirou a vários metros de distância um velhinho pobre que procurava atravessar a rua.

Romildo comprou algumas revistas e jornais, tomou um táxi e voltou para casa. No trajeto, o motorista que falava pelos cotovelos perguntou-lhe sobre o suicídio do operário na torre de televisão, mas Romildo não alongou conversa. Estava cheio de tantos desgostos e tantas desgraças.

Antes de entrar para o gabinete, onde passava a maior parte do tempo, olhou-se no espelho do banheiro. Analisou bem as rugas que começavam a enroscar-lhe o pescoço, os cabelos encanecidos, mas sentiu-se com bom aspecto físico. Deitou-se na rede. Pensou, pensou, pensou e viu que havia muita gente do seu círculo de amizades em situações mais difíceis, vexatórias até. E com o pensamento fixo nas cenas que vira e nas palavras que ouvira, repetiu Bertolt Brecht:

"Nunca regressa a água que passa.
Nem uma só gota
volta a sua nascente."

E em sua rede, apesar de tudo, Romildo sentiu uma confortável sensação de bem-estar, segurança e felicidade...

De *Os Castiçais dos Mcrtos* (1988).